

NARRATIVAS DO ESPAÇO ATRAVÉS DE CRÔNICAS NO JORNAL DAS MOÇAS (CAICÓ - 1926)¹

Juciene Batista Felix Andrade²

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos;
aquele foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi
a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação
da Luz, a estação das Trevas...

Charles Dickens - Um conto de duas cidades

Este artigo propõe uma reflexão histórica sobre a cidade de Caicó a partir da leitura e análise de crônicas veiculadas no Jornal das Moças durante o ano de 1926. Para a realização de tal intento foi feito um recorte histórico que requer alguns procedimentos metodológicos cujos norteamentos serão os seguintes: primeiro, será feito um mapeamento das crônicas do jornal e, em seguida, uma reflexão sobre os escritos levantados apoiada pelo eixo norteador da problemática: Caicó vista como uma cidade que oscila entre a recusa e a sedução perante os desafios da modernidade.

O material utilizado permitirá um acompanhamento dos “passos trilhados” pela cidade, os anseios e inquietações da sociedade caicoense. Ao deambular por esse caminho não nos depararemos com mudanças bruscas, pois a recusa e a sedução estão dissolvidas nas práticas cotidianas como: festas, divertimentos em eventos sociais, *clubs* dançantes, fluxo de caicoense indo e vindo das capitais mais próximas como Natal e Recife.

O Jornal das Moças, periódico semanal dedicado a assuntos de interesse da mulher, iniciou sua circulação no dia 07 de fevereiro de 1926, editado por Georgina Pires, gerenciado por Dolores Diniz, contando ainda com diversas colaboradoras a exemplo da professora Julia Medeiros e Santinha Araújo³, mulheres que faziam uma leitura privilegiada da cidade de Caicó escrevendo sobre diversos assuntos: literatura, humor, poesias, críticas dirigidas a condição feminina, coluna social, amenidades em geral, enfim, temáticas ligadas à sociedade caicoense. Suas primeiras edições possuíam apenas duas colunas e eram impressas em “papel jornal” cuja venda era realizada avulsamente por gazeteiros ou por assinaturas. Posteriormente, o jornal se inseriu nas novas técnicas de diagramação, em um formato de três colunas e distribuição nas bancas de jornal da cidade.

O leitor do Jornal das Moças ficava informado sobre as novidades e os velhos desafios de uma cidade que almejava se inserir nos desígnios da modernidade, sendo assim, esse

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “A Cidade em Diferentes Olhares”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bolsista de Demanda Social/CAPES/MEC onde trabalhou o projeto de dissertação *Caicó, RN: uma cidade entre a recusa e a sedução (1926-1936)* orientado pelo Prof. Dr. Raimundo Arrais.

³ Além das moças que escreviam suas matérias, algumas figuras masculinas tinham papel de destaque na colaboração ao Jornal, a exemplo do jovem Renato Dantas, entre outros, que na época era estudante bacharelado em Direito.

jornal passa a ser uma fonte importante para se apreender o imaginário social e as representações que emanaram daquele grupo de mulheres no primeiro quartel do século XX. Foi, portanto, um veículo difusor de idéias que representou, em suas páginas, projetos de reformas urbanas, sociais, culturais, no espaço público e sugestões de mudanças de hábitos e comportamentos no espaço privado.

Por isso, é importante analisar estes enfoques narrados nos artigos veiculados pelo Jornal das Moças partindo de alguns questionamentos que nos ajudem a entender as relações que às pessoas mantêm com a paisagem, com o seu lugar e com a natureza que as cerca.⁴ Como essas relações se estabelecem? Como os signos de tempos modernos vão redirecionando as formas de comportamentos? Como o telégrafo, a luz elétrica, o cinema vão reelaborando as condutas dos caicoenses? Essa relação não pode ser pensada de maneira determinista à medida que a cidade vai se redefinindo, crescendo, é necessário problematizá-la, pois a inserção do humano na paisagem citadina, engendrando maneiras de sentir e viver, pode nos revelar pistas sobre a inserção da experiência do moderno em Caicó. Portanto, “a paisagem é a consciência humana diante de um ambiente, produto de seu potencial imaginativo e criador, uma contemplação visual formulando significados e novas imagens”⁵.

Segundo o historiador Simon Schama: o espaço é tão cultural quanto cultural são nossos hábitos mais “naturais”. Desta forma, a construção de um hospital, a chegada de energia elétrica, a preocupação com a educação (políticas higienistas e sanitárias veiculadas principalmente via escola) entre outros, afetava a população desta cidade, propiciando a eles vivenciarem a situação como pertinente ao acesso à modernidade. Portanto, ao sentirem assim, as pessoas representavam nos jornais esta nova lógica ampliando seus significados e instaurando debates sobre a mesma.

A cidade de Caicó nesse momento contava com pouco mais de 25.000 mil habitantes, dos quais, aproximadamente 3.000 mil compunham o núcleo urbano. Mesmo com a preponderância de uma população eminentemente rural, a cidade vai sendo construída com a marca de ser a “capital do Seridó”⁶, e dessa maneira ao referir-se a Caicó com este sentido, deve-se atentar para as influências econômicas e políticas da cidade no cenário regional com figuras representativas que tiveram destaque estadual a exemplo de José Augusto, Juvenal Lamartine, Dinarte Mariz, etc. Todavia, não só apenas influências

⁴ Alguns trabalhos que tomam como fonte o Jornal das Moças abordam-no sobre várias perspectivas, dentre elas gênero, educação ou mulheres na imprensa. Sobre essas referidas abordagens, verificar a monografia “**Lendo o Masculino Pelo Feminino**” de Patrícia Medeiros depositada no Laboratório de Documentação Histórica/CERES/UFRN, a dissertação de mestrado em educação de Manoel Pereira da Rocha Neto intitulada: **Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em manchete**, Natal (RN), 2002, que se encontra na Biblioteca Zila Mamede no setor das Dissertações e Teses.

⁵ SEGAWA, H. **Ao Amor do Público: Jardins no Brasil**. São Paulo: FAPESP, 1996. p. 219.

⁶ No próprio jornal das Moças essa marca é questionada diversas vezes quando em alguns momentos as autoras das crônicas criticam a sociedade caicoense por resistir a mudanças, por permanecerem nas suas vidinhas de sempre “alheias” as novas transformações que vinham desde muito cedo acontecendo na capital Natal. Para aprofundar esta discussão ver interessante trabalho de PEDREIRA, F. de S. **Chiclete eu Misturo com Banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945**. Natal: EDUFRN, 2005.

econômicas e políticas dão sentido à “capital do Seridó”, mas investimentos simbólicos feitos nesse espaço permitem a propagação desses sentidos divulgadas através de projetos gestados pela vontade política, ou seja, em Caicó o modelo de modernização não é autônomo, está atrelado à vontade política de algumas figuras do estado, a exemplo de José Augusto Bezerra de Medeiros, que “olhava” para a cidade de Caicó como do filho da terra que articulou vários projetos públicos a exemplo do Hospital do Seridó.

O paradigma do “moderno” que emerge desde o século XIX, tanto no cenário mundial como no nacional dentro do espaço da urbe, vai configurando-se através de projetos que vão interferir diretamente no espaço público e privado com a palavra de ordem civilizar, entrando em sintonia com as reformas econômico-político-sociais que estavam ocorrendo na Europa e, posteriormente, no Brasil. Segundo Iranilson Buriti⁷ no início dos anos 1920, práticas modernizadoras e modernistas desenvolvidas pelas autoridades governistas enunciando discursos centrados na preocupação com a higiene e limpeza de prédios, com o aumento da rede de iluminação elétrica, com a drenagem de pântanos, aterros sanitários, visando um aumento e melhoria do ar respirável nas cidades e também porque a partir dos anos 20 existirá uma maior complexidade da vida com uma maior dependência de intervenções técnicas⁸ que vão desde arborização em parques até a abertura de novas “veias e artérias” parafraseando Richard Sennet⁹.

A reconfiguração do espaço urbano foi umas das primeiras estratégias adotadas pelo Estado, juntamente com a mudança de hábitos originados no período colonial que a sociedade brasileira deste momento ainda estava inserida. A implantação de reformas sanitárias, pedagógicas e arquitetônicas não foram propostas aceitas de modo homogêneo pela maioria da população que organizava suas vidas pautadas em valores ditos tradicionais. Um exemplo do surgimento de tensões entre novos e velhos valores, foi a Revolta da Vacina ocorrida em 1905 onde a população manifestou-se contra uma série de medidas autoritárias tomadas pelo governo de Pereira Passos quando da reforma urbana empreendida na cidade do Rio de Janeiro. As intervenções do progresso, que naquele momento poderia ser vislumbrado como o “novo” na vida das pessoas, a exemplo do surgimento das estradas de ferro, as máquinas introduzidas na agricultura, a urbanização, a modernização dos portos, o mapeamento do território, a demarcação das fronteiras, a construção de telégrafos etc. causando inicialmente desconforto pela precariedade dessas novas técnicas¹⁰ do moderno.

⁷ BURITI, I. **Fora da Higiene não há Salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano**. MNEME – Revista de Humanidades – ISSN -1519-3394 , UFRN, CERES. <http://www.seol.com.br/mneme/> acesso 16/11/2005.

⁸ Algumas intervenções técnicas nos anos 20 e 30 do século XX ainda são muito precárias deixando nos habitantes das cidades que estavam submetidos a estes novas experimentos uma saudade dos antigos hábitos.

⁹ SENNET, R. **Carne e Pedra**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁰ Para uma melhor discussão acerca consultar MACÊDO E SILVA, Antonio Luiz. **Paisagens de consumo, Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza, Museu do Ceará, 2002, ver também PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza**

Passeando pela Caicó de 1926, pelas letras impressas através de artigos do Jornal das Moças pintar-se-á um quadro com “peças” oferecidas através de cada artigo. A cidade de Caicó de 1926 que vem florescer nestes artigos são referenciais importantes de análise. Logo, inspirada também em Michel de Certeau e suas abordagens sobre usos e consumos do espaço, compreende-se essa poética, a criação, a dimensão gestora¹¹ que nasce com os usos do espaço historicamente vivido. Entende-se o espaço, a cidade como um texto, uma rede de significados no qual se percebem construções feitas nas atitudes cotidianas. Assim, os fragmentos da trajetória dessa cidade contidas nas linhas do Jornal das Moças nos ajudarão a perceber como os espaços são construídos através de uma rede de narrativas, de tramas, dos usos, da arte do fazer.

A retórica ambulante dos passos escritos nas linhas desse editorial possibilitará um léxico, uma gramática dos passos trilhados pelas canetadas de nossas cronistas que deixam para nós, leitores de hoje, percepções acerca de projetos políticos, sociais, culturais. Um espaço em constante transformação, metamorfoseado. Um espaço Urbe estriado, métrico, espaço de controle do Estado, definido por um padrão esquadrihado por projetos de territorialização, mas que também se desterritorializa à medida que também a cidade é um espaço liso, conforme Gilles Deleuze¹², que se deixa estriar.

A cidade passa a ser “um objeto de arte do ser humano”, arte onde intervenções do progresso vão transformando paisagens, lugares, espaços. O folhetim das Moças através de seus artigos nos possibilitará analisar essa intervenção do homem nas paisagens, no solo, nos espaços. Permitirá aos interlocutores do presente visibilizar que uma cidade comporta muitas cidades. Assim, a partir desse ponto a análise das crônicas será importante para que possamos entender como alguns elementos são significativos para esta construção da cidade de Caicó¹³ a exemplo dos novos símbolos de um espaço em mudança, em plussividade, como retrata a crônica abaixo:

Vejamos: aqui, uma usina electrica muito bem instalada com já um anno de funcionamento; alli, um collegio de irmãs, que, dada a relatividade do tempo de quando funciona, offerece ao visitante a mais consoladora impressão. Acolá, ergue-se majestoso o Grupo “Senador Guerra”, que nesses últimos annos há obtido classificações superiores aos demais no Estado, tanto na matricula e na freqüência, como no aproveitamento dos alumnos e um pouquinho mais além, divisa-se o moderno prédio – Hospital do Seridó – (...).¹⁴

Belle Époque: Reforma urbana e controle Social 1860-1930. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001. ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: Entre a história e a memória.** Bauru, EDUSC, 2000.

¹¹ Cf. BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

¹² A respeito do conceito liso e estriado ver **1440 – o liso e o estriado.** In: DELEUZE, G. e GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo, Ed. 34, 1997, p. 179-214.

¹³ Em 1925 a energia elétrica chegou a Caicó. No mesmo ano instalou-se na cidade um Colégio de freiras para atender a necessidade das elites que desejavam uma educação europeizada para suas filhas, fundação do Educandário Santa Terezinha do Menino Jesus.

¹⁴ *Croniqueta* publicada no Jornal das Moças em 19 de junho de 1926, assinada apenas como C. J.

Nessa crônica publicada no Jornal em 19 de Junho de 1926, C. J. vai descrevendo uma cartografia espacial para este lugar indicando por palavras como aqui, acolá, a chegada de elementos do moderno, observa-se como na urdidura deste texto o autor vai inscrevendo um lugar para esta cidade, benefícios para uma cidade que se movimentava, emergência. Uma cidade que em meados da década de 20 pudesse contar com energia elétrica mesmo que por algumas horas, ou o grupo escolar “Senador Brito Guerra”, que atendia alunos da região circunvizinha, um colégio¹⁵ particular, feminino e católico que veio atender às famílias abastadas da sociedade que não queriam mandar suas filhas estudar fora da cidade.

A crônica referida anteriormente fornece pistas para que se possa recompor o espaço utilizando-se de palavras de “aqui”, “ali”, “acolá” investimento feito nesse lugar evidencia sua importância, bem como a preocupação com a educação que também é um fator agregador de valores em uma sociedade que se preocupava com sua imagem.

Diversos outros indícios são representativos desta cartografia do espaço como enunciam os fragmentos textuais produzidos à época, no Jornal das Moças, a respeito do comportamento de alguns indivíduos em relação à arborização da cidade:

Causa-nos muita lastima esse péssimo costume dos meninos bem dignos da mais severa providencia dos senhores pais de família, é verdade, porem hoje, queremos falar que há também adultos que ajudam ou completam a danificação das cajaraneiras da Avenida! Não se compreende muito bem como pessoas de maioridade procedam assim e não poderão negar o seu acto digno de punição na cadeia quando com profunda vergonha, com verdadeira indignação, com sincera revolta temos presenciado tantas vezes por aqueles que deviam zelar as indefesas arvores, balsamo das nossas horas de abrasado calor, encanto adorável das nossas praças publicas e maravilhoso enleio das nossas ruas sem calçamento.¹⁶

Nessa crônica, Flor de Liz traz a tona recusa em torno de um comportamento destruidor em relação às indefesas árvores que oferecem a população a sua função clorofiliana, deixando a cidade purificada. E não apenas isso, a narrativa a respeito da natureza aparece humanizada nesse artigo, quase uma intimidade quando se fala das árvores, um romantismo, uma dimensão mítica, que “pelo seu poder evocativo, por inspirar emoções e sentimentos”, assim sendo à possibilidade de resignificar o contato com o mundo natural faz com que se distinga certa racionalidade e funcionalidade no contato com o mundo natural, a cronista ressalta as funções de sombreiro das indefesas árvores, possibilitando concluir que o usufruto da natureza torna-se produto de uma construção social, de significados que são atribuídos pelos próprios homens. Assim pensa-se que a natureza revela muito sobre a sociedade, principalmente quando se percebe que nas crônicas as árvores estavam repletas de valores morais e, em alguns momentos, valores até femininos, delicados, como analisa Horta no caso de Belo Horizonte na mesma época “A nova *urbe* deveria afigurar-se como

¹⁵ O colégio Santa Terezinha foi/é uma instituição tradicional na cidade de Caicó, preparava as moças para um bom casamento, ensinando sobre economia doméstica, religião entre outras atividades.

¹⁶ Matéria escrita no Jornal das Moças datado de 23 de maio de 1926 de autoria da cronista Flor de Liz.

moderna, racional, construída em linhas e ângulos retos, com largas avenidas, parques e praças e uma ampla arborização”¹⁷.

A historiadora Regina Horta¹⁸ escreve o que os homens pensam sobre a natureza, os sentidos atribuídos a esta natureza, como árvores indefesas, por exemplo, é uma criação humana, são concepções culturais que vigoram nas sociedades e que possuem sua historicidade, ou seja, durante o passar do tempo várias dessas concepções sobre a natureza vão sendo resignificadas, portanto, nesse momento estimulava-se o amor às árvores simultaneamente aos ensinamentos de patriotismo e de respeito à família e seus valores.

Temos também os projetos de higienização e embelezamento da cidade, uma preocupação com o espaço vivido. Esses projetos incluem não apenas o aformoseamento da cidade, as árvores não apenas adornariam os logradouros, mas fariam parte da paisagem urbana, uma tentativa de recriação de uma natureza¹⁹ domada pelo homem.

Prosseguindo nessa linha outros tipos de artigos denunciam o mesmo comportamento. Partindo então desse pressuposto, onde se critica a atitude de adultos e crianças que destroem as árvores que não só embelezam a cidade, mas são responsáveis pelas trocas gasosas, estes artigos escritos no *Jornal da Moças*, no ano de 1926, evocam a atenção como essa sociedade também está inserida na lógica da modernização, do progresso, da civilidade preocupada com o comportamento das pessoas em relação às árvores que embelezam, mas também servem para proteger os transeuntes do sol.

É importante levar em consideração a necessidade surgida de se ter nas cidades praças e outros lugares ornados com plantas, árvores sombreiras, como parte de um planejamento onde as cidades deveriam privilegiar esta nova ordem. Atitude esta também se justifica pelo orgulho que a sociedade possui de suas paisagens, o que levou à preservação da natureza e produziu os parques nacionais²⁰.

Na crônica seguinte, sem autoria, verifica-se uma outra matéria que externa a preocupação deste grupo tem com a arborização:

Michel Levy celebre higienista francez, estudando a physiologia dos habitantes dos paizes quentes, demonstra, de uma maneira assaz interessante e com fundamentos scientificos, a influencia pernicioso do clima equatorial sobre a constituição dos indivíduos. No parecer unânime dos higienistas é por meio da arborisação principalmente que este problema se resolve de modo fácil. O que seja á arvore e quais seus benefícios são coisas que até as creanças não ignoravam. Contudo, diante do atrevido procedimento de certas pessoas que, alem de danificarem a arborisação publica por que tanto se tem empenhado a nossa

¹⁷ DUARTE, R. H. ; OSTOS, N. S. C. Árvores urbanas no Brasil Republicano: comemorações do dia da árvore em Belo Horizonte, “Cidade Jardim”, século XX.

¹⁸ DUARTE, R. H. *História e Natureza*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

¹⁹ Para saber mais consultar: THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²⁰ Conferir esta discussão em Duarte, R. H. *História e Natureza*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005. Para saber mais sobre esta discussão conferir também SEGAWA, H. *Ao Amor do Público: Jardins no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 1996.

Municipalidade, criticam desfavoravelmente os que cuidam de plantar árvores na cidade, cumpre nos citar concluindo, num apelo aos caicóenses para intensificarem a nossa arborização, as palavras do mais iminentemente higienista americano há mais saúde numa choupana rodeada de árvores do que num palácio sumptuoso onde não se veja plantas.²¹

Além de matérias que recusam um comportamento grosseiro em relação as árvores bem como uma sociedade que investia de valores a natureza pode-se perceber também que além de uma proposta de pedagogização da sociedade incorporando-a aos novos tempos, também nos deparamos com a medicina da *Belle Époque* aliada à estratégia de um estado modernizador que esbarrava em hábitos e condutas que se repetiam na tradição familiar herdada do tempo do Império deparava-se com um embate difícil, como fazer a população agregar as suas vidas novos hábitos? Observe-se

A integração familiar à ordem urbana foi um dos objetivos mais arduamente perseguidos pela medicina higienista. Neste sentido, elaborou uma política de saúde que cuidava de mudar os hábitos e os valores nocivos da tradição, de estabelecer uma nova ética das relações afetivas que orientasse o comportamento dos indivíduos em todas as circunstâncias da vida privada e social.²²

Está repensando os lugares tomados pelos médicos, engenheiros e educadores como articuladores de novos modelos de condutas inseridos nesta sociedade. Além de civilizar era preciso uma política de práticas sociais para que a sociedade incorporasse novos hábitos de condutas, uma normatização intensa, autoritária e sem fronteiras, assim como afirmam Herchmann e Pereira: “Os inimigos do “corpo social”, segundo estes médicos eram os “excessos” e “desvios”; era preciso, portanto, disciplinar a sociedade, incutir valores, destruindo, desse modo, os “vícios” e as “perversões” que tanto ameaçavam os centros urbanos.

Esses “fragmentos de memória” amarelados pelo tempo, ajudam a costurar um tecido esburacado, um rizoma onde faltam pedaços. Ao tentar recompor essas memórias através das matérias impressas no Jornal das Moças, se está escavando camadas do tempo que recobrem as ruínas de um momento cuja leitura provisória se faz a mercê das questões do tempo presente. Dessa forma nessa outra crônica pode-se perceber o desejo dessa sociedade de se inserir na hora mecânica como um dado da modernidade

Há por toda cidade natal um vivo desejo de levarmos os nossos relógios para a hora oficial. Ninguém mais ignora que o “carrilhão” da Matriz, ao meio dia nos manda as suas doze badaladas, desprezando a hora solar, isto é, com quarenta minutos de diferença. O nosso “Senador Guerra”, importante templo de educação da infância e da mocidade da nossa terra; o Telegrapho Nacional; a Igreja Matriz; diversas residências familiares e algumas casas

²¹ Matéria escrita no Jornal das Moças datado de 27 de junho de 1926 sem autoria.

²² HERSCHMANN, M. M. e PEREIRA, C. A. M. (org). **A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

commerciaes já adoptaram a hora official e por que todos não accertam os seus relógios afim de termos uma hora certa?

Procuremos, portanto, dar aos nossos agradáveis companheiros de existência de hoje em diante a verdadeira expressão de sua significação, isto é, marcar as horas com a exaptidão determinada por uma commissao especial que estudou o assumpto com a competência scientificamente exigida.²³

Flor de Liz evoca que a hora oficial devidamente estudada pelos métodos científicos deve substituir o carrilhão da matriz, ou seja, as famílias, as casas comerciais e outros devem abandonar em definitivo as horas dadas pelas badaladas da Igreja. O sentido atribuído a esta passagem que considero de suma importância no jornal é de que uma sociedade que deseje está em sintonia com os signos da modernidade precisa deixar de lado velhos hábitos e entrar em sintonia com a hora, com um novo tempo para Caicó, um outro ritmo no espaço urbano.

Bibliografia Consultada:

ARRAIS, R. **O Pântano e o Riacho. A formação de espaço público no Recife do século XIX.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BURITI, I. "Fora da Higiene não há Salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano". In: **MNEME – Revista de Humanidades.** Caicó: UFRN/CERES, 2001. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme/>, acesso em 16/11/2005.

CERTEAU, M. **Invenção do Cotidiano – artes de fazer.** 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUARTE, R. H. **História e Natureza.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HERSCHMANN, M. M., PEREIRA, C. A. M (orgs.). **A Invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30.** Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

PEDREIRA, F. de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945.** Natal: EDUFRN, 2005.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: Reforma urbana e controle social 1860-1930.** 3ª edição. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SEGAWA, H. **Ao Amor do Público: Jardins no Brasil.** São Paulo: FAPESP, 1996.

SEVCENCO, N. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

Documentação consultada:

Jornal das Moças, Caicó-RN – crônicas analisadas:

"Notas" – 23 de maio de 1926 n. 16 – autoria Flor de Liz

"Crhoniqueta" – Domingo 20 de junho de 1926 n. 20 – autoria C. J.

"Pelas Arvores" – 27 de junho de 1926 n. 21 – autoria - sem autor

"A Nota" – 31 de outubro de 1926 n. 39 – autoria – Flor de Liz

²³ Matéria publicada no Jornal das Moças, em 31 de outubro de 1926, de autoria da cronista Flor de Liz.

Resumo: O objetivo desta reflexão é analisar como nos escritos do Jornal das Moças emergem novas sensibilidades, práticas e leituras do espaço que são incorporadas ao cotidiano da cidade de Caicó, Rio Grande do Norte. Partindo de uma preocupação com as discussões contemporâneas sobre a relação entre história e espaço, perceberemos como as reflexões que abordam a temática da natureza e ocupação dos espaços, mesmo numa pequena cidade do interior, revela muito dos projetos, anseios e dilemas ao tentar se inserir na lógica da modernidade.

Palavras-chave: Cidade; Crônicas; Caicó

Abstract: The objective of this reflection is to analyze as in the writings of the Jornal das Moças emerge new sensibilities, practices and readings of the space that are incorporate to the daily of the city of Caicó, Rio Grande do Norte state. Leaving of a concern with the discussions contemporary about the relationship among it history and space, we will notice as the reflections that approach the theme of the nature and occupation of the spaces, even in a small city of the interior, it reveals a lot of their projects, longings and dilemmas when trying to insert in the logic of the modernity.

Keywords: City; Chronic; Caicó City